

## ◀DISCURSO▶

PROFERIDO PELO SR. DR. THOMAZ POMPÊU NA SESSÃO DE  
12 DE MARÇO DE 1889  
POR OCCASIÃO DE SUA POSSE DE SOCIO EFFECTIVO

*Srs. do Instituto do Ceará*

Triste contingencia é esta em que vos achaes de, ao acolherdes neste recinto novo companheiro de fadigas, aviventar as saudades amortecidas do que se partio dentre vós, levando para mundos ignotos as particulas imponderaveis do vosso affecto, o mysterio semi-transparente da harmonia de acção e de ideias que tem mantido a existencia deste Instituto.

Digo — triste contingencia, porque, á despeito da multiplicidade de impressões que modificam incessantemente a percepção das cousas, não podemos olvidar acontecimentos que, por associação de ideias, voltam nos tenazmente á memoria.

O socio, a quem succedo neste Instituto, passou fugaz por entre vós como quem tinha pressa de chegar á suprema indifferença, ao immenso laboratorio da natureza, onde ella se compraz em operar eugenhosas e secretas combinações, que geram a vida terrestre, e o subtil funcionamento cerebral, a que a sciencia chama —força— e a philosophia sentimental attribue existencia pessoal, independente ou perfeitamente autonoma.

O Dr. Sombra, por pouco expansivo no trato social, não deixou perceber claramente quaes fossem os principios ou a intuição philosophica que formava ou tinha dos variados problemas, na solução dos quaes se debate, quasi dilétantemente a intelligencia humana, sem

lograr outro resultado senão transviar-se por devesas abstractas ao reconhecer-se improfiqua na investigação das origens e transformações remotas do ser.

Nem sei, Srs., si o meu antecessor pertencia á legião dos *espíritos contentes*, que se reputam na posse de quasi todas as verdades, porque lhes ensinou a crença dos primeiros annos que n'um dado livro dos livros, — evangelho de todos os conhecimentos, inspirado pela suprema sciencia, está encerrado o alpha e o omega de tudo que é bom, util e bello.

Seja-me permittido externar com a franqueza e probidade intellectual que requer este logar, quão mediocre sympathia voto ás intelligencias, que repudiam a faculdade de pensar por esperarem lhes desça a verdade n'um raio de divina inspiração, na doce indolencia de espirito, característica da ignorancia ou da fê.

Pode haver merecimento na fortaleza com que os illuminados desta resistem os embates da duvida e os arremessos da razão penetrante e fria; mas qualquer que elle seja, é um producto da inercia mental, do mêdo de enfrentar resolutamente os problemas da vida, quando não systematica obsessão intellectual.

Os bonzos chinezes, os fakirs indianos, que arrostando impavidamente as torturas da carne, na immobilidade devota de seu culto, possuem em subido gráu esta doença. cujo symptoma capital é o entorpecimento das faculdades racionativas.

Merecimento houvesse 'nessa quietitude intencional do *espírito*, e seriam estes os eleitos da fê, os patriarcas do immobilismo, por terem sacrificado todos os gozos corporeos á sua aquisição, a almejada morte da faculdade de pensar.

Mas viver é o contrario disto : e na concorrência vital das intelligencias primam as que são energicas e dispõem de noções mais completas sobre a evolução do individuo e das sociedades.

Bem ou mal, é preciso que a mentalidade humana seja violenta ou ligeiramente suggestionada pelo dese-

jo de saber ou de descobrir alguns dos antecedentes dos phenomenos que continuam envolvidos em mysteriosa ignorancia. É só a duvidilla que move-a por ser o fanal miraculoso que guia, na noite sombria da intelligencia, os magos da sciencia; é ella, sem contestação, o mais benefico legado deixado ao ser pensante, e por meio do qual tem sido erguidos os mais sublimes monumentos do saber.

Não a eliminemos, nem por abstracção, sob pena de supprimirmos essa meia felicidade que nos é dado gozar ao procurarmos desvendar os segredos da natureza. Cessai de dar pasto á fome de saber, e vereis como cahirá inávida a bella faculdade do raciocinio.

Eu não vos faço a injustiça de suppor que pretendais appropriar-vos de todas as verdades, engolfando-vos na sciencia do incognocivel; porque não vos desejaria a morte tediosa que os crédos religiosos promettem a seus adeptos, como sendo a ultima e definitiva morada dos bemaventurados; pois desde o momento em que já nada mais poderdes desejar por tudo possuir, nem a verdade, nem o bello, nem o bom; desde que a intelligencia já não abrigar uma só illusão, senão realidades absolutas, cessou para ella o estímulo, a actividade para o trabalho, para abrir-se-lhe o sepulchro, o eterno aniquilamento.

E, contudo, parece que o atavismo da raça, da qual procedemos, fadou-nos para alimentar a aspiração da sciencia absoluta sob as variadas denominações dadas pelos credos religiosos.

*Nirvana ou Paraiso*—o abysmo do aniquilamento atrahê todas as crenças que põem a perfeição para além da vida presente.

Essa fascinação do desconhecido é, e sel-o-ha ainda por muito tempo, o principal movel das acções nas raças indo-europeias.

E, no entretanto, aquella pretensa perfeição è o repudio de toda idea de progresso, de toda noção de movimento.

Suprema e mysteriosa contradição da natureza | Pro-  
testo da razão contra a autoridade que a condemna.

Referem os contos arabes de *Mil e uma noite* que n'um dos caminhos de Bassora para Bagdad, um fakir bemfazejo, mas indifferente aos gozos mundanos, presenteara ao pobre viajante que recorrera á sua industria com um unguento esquisito, o qual passado sobre as palpebras permittia-lhe desvendar as riquezas e ou-  
ropeis escondidos nas entranhas da terra.

Semelhante ao fakir, que nada reserva para si, mas illude os desejos humanos com deslumbrantes visões, é a meiga e modesta—fé Promette tudo em troco de migalhas, de um quasi nada—do não raciocinar.

E' tempo de preservarmos a intelligencia do contagio dessas pomadas miraculosas, que a pretexto de nos saturarem de saber, condemnam-nos antecipadamente á sa-  
ciedade por asphixia do proprio pensamento.

Não é proposito meu ferir susceptibilidades religio-  
sas, senão externar um modo pessoal de enfrear certa  
ordem de problemas philosophicos.

Talvez seja o contraste das nossas doutrinas mais  
apparente que real, e que no intimo do pensamen-  
to de cada um haja accordo na solução d'aquelles pro-  
blemas ; talvez que a antinomia das proprias escolas  
philosophicas e das religiões proceda do temperamento  
e do ponto exclusivo em que se collocam os observado-  
res para julgal-a.

E' provavel que caminhemos para uma phase de syn-  
cronismo universal nas religiões e nas sciencias ; e não  
sei si o espirito humano já conquistou mais de metade  
das verdades que lhe é dado comprehender ; ignoro si,  
causado de subir, de altear-se pela imaginação ou pelo  
raciocinio acima da phenomenalidade que o rodeia, terá  
de *ritornar*, como suppunha Vico, para recommear a  
faina das investigações ; não sei si a civilização des-  
camba para o poente, e si, em breve, um crépusculo

mais sombrio, que o da idade media, invadirá o céu da intelligencia ; mas seja quaes forem seus destinos, tenhamos esperança de que a *razão humana* não succumbirá, e que, embora prostrada, saberá lutar até conquistar o fogo sagrado da verdade.

Por ora, atravessamos a phase de tolerancia, na qual todas as crenças, todas as opiniões têm direitos aos fóros cidadãos com a condição de se sujeitarem ao exame e a discussão.

Reina um como que cosmopolitismo no mundo das ideias . cosmopolitismo que procede da consciencia de que as seitas religiosas ou philosophicas são inherentes ao temperamento de cada povo, ao seu modo particular de existir, as suas necessidades moraes e intellectuaes, filhas do meio em que evoluiu e da raça de cuja fonte deriva.

Não haveria maior attentado contra a intelligencia do que submettel-a a um unico molde, encerral-a dentro de dogmas mais ou menos abstractos, desconhecendo-se os processos com que ella transforma as impressões physiologicas em noções scientificas.

Não insisti neste assumpto senão para lembrar-vos as influencias que deveriam ter actuado sobre a orientação da mentalidade do fallecido Dr. Sombra.

Submettido desde muito cedo a estudos positivos, tendo por objecto o corpo humano, é de suppôr que na analyse da massa encephalica, nas circumvoluções do cerebro e na composição dos tecidos nervozos, tenha aprendido a duvidar da espiritualidade dessa *alma*, a cujos destinos a imaginação assignalou palacios encantados, alcatifados de pedrarias, scintilantes de luz.

Membro deste Instituto, parece que elle nunca teve occasião de externar considerações sobre esses pontos cardeaes do pensamento ; e nem é de suppôr que uma corporação de pessoas estudiosas, devotadas ao conhecimento das couzas patrias, tivesse transposto, nas suas investigações litterarias, os limites da chronica historica ou os da demographia.

É possível que nos vossos colloquios semanaes uma ou outra vez viesse á pello taes problemas, ou outros que se prendem intimamente á indole do *Instituto*, qual seja per exemplo o modo de comprehender as vantagens dos estudos historicos.

Ainda sobre esse assumpto não vos quero deixar em duvida sobre as minhas opiniões.

Não sou apologista do que entre nós se entende por *historia*, e nem comprehendo que para o apresto ordinario da vida, para a lucta que incessantemente o homem trava para subsistir, seja-lhe necessario vergar a memoria ao pezo de factos mal delineados pelo affastamento em que estão do presente, e de mediocre importancia para sen proceder ordinario.

Que somma de utilidade recolhemos em saber de côr os nomes dos imperadores, tyrannos, usurpadores, reis, etc., que dirigiram os destinos dos povos antigos e modernos, si não podemos penetrar no modo de sentir, de pensar, de crer, do viver moral e material de taes povos?

Quaes os documentos legados pelas eras mortas para reconstruir a alma dessa multidão anonyma que construiu as pyramides do Egypto, que cinzelou a rocha dos pagodes de Hayderabad e de Ellora, que traçou a travez da Europa as estradas marciaes no tempo dos Cezares, que inudou a idade media de templos gothicos, e a moderna das gigantescas obras de engenharia?

A historia, tal como tem sido escripta, não passa de biographias em torno das quaes se aggrupam acontecimentos politicos ou administrativos de pouca relevancia para o estudo da evolução dos povos.

As tentativas em contrario feitas por Macauley, Buckle, Richard Green, Curtius, Mounsen, Montesquieu, Fustel de Coulanges, Taine e outros, mostram quão pouca se tem feito para aprofundar o conhecimento do sentir, pensar e obrar da humanidade a travez dos seculos.

E quem sabe se uma reconstrucção tão larga, e tão

viva do passado será possível com os fragmentos que o tempo respeitou ?

E quando uma tal obra fosse erguida pelo esforço cyclopico de muitas gerações de pacientes investigadores, que resultados científicos compensariam tão ingente esforço ?

Valeria a pena penetrar mais no intimo do que chamamos alma humana para marcar-lhe os estagios, e prescrutar o genesis do conhecimento ?

E depois, Srs., quem sabe si «a verdade não é triste» como insinua o auctor dos *Dialogues philosophiques* ?

Os estudos historicos valem menos para hygiene intellectual e bem dos povos do que a demographia, por exemplo, cujas revelações são verdadeiros ensinamentos para os Estados e para o individuo.

A historia é o passado mais ou menos longinquo, é a sensação que se transformou, a lembrança que se vai apagando da memoria.

A natureza, que amortece a impressão e transmuda as sociedades, parece ter creado entre o homem actual e as eras mortas uma barreira invensível, forçando o a pensar e a curar mais do presente e do futuro que de epochas distantes, perdidas no passado.

Ha muito que fazer para aperfeiçoar as armas de combate com que os luctadores de hoje disputam as migalhas da vida ; não é ao passado longinquo que iremos pedir licções ; é na observação e nas experiencias dos nossos contemporaneos que precisamos aprender.

As indagações estereis ou simplesmente deleitaveis devem ceder procedencia à sciencia da vida e à do homem como ser social.

São esses os votos sinceros do ultimo dos membros do Instituto do Ceará.

Seja bem vindo o novo luctador.

Para elle irradiam-se as nossas esperanças, e para nós convergem as suas energias.

E podemos exclamar como Robert Peel, no parlamento inglez, quando Palmerston defendia a politica ingleza na Europa :

« Todos aqui temos orgulho de ouvil-o ; elle nos ensoberbece e ennobrece a todos. »

Ao entendimento humano os problemas se apresentam incessantes e as soluções quasi sempre têm a mudez da impenetrabilidade,

O infinito, o eterno, o espaço sem limites, a formação da materia cosmica, plasmada de elementos irreductiveis, a força, os phenomenos da ordem psychica, que tem por substratum a textura nervosa, cujas modificações moleculares, realisando-se a cada momento em nós, escapão aos nossos sentidos e aos nossos meios de investigações ; tudo que, sem possibilidade de negação, não comprehendemos, syntheses transcendentaes, nos torna melancolicamente contemplativos e mysticos, subtrahindo-nos do explicavel, por uma especie de anabiose, e, sem o querer, arrojamo-nos ás regiões insondaveis da pura especulação, dominio incoercivel das incognitas e dos mysterios.

No campo fecundo das observações, a sciencia avança ; os factos se accumulão e se encadeião, sem *hiatus*, sem ruptura, sem solução de continuidade, na plena unidade logica das suas leis ; as acquisições experimentaes e theoreticas vem uma após outras ; as conquistas e descobertas se succedem com a multiplicidade rapida dos vivissimos cambiantes de um kaleidoscopio ; operão-se metamorphoses ; e por fim não ha mais do que amalgamas de inducções, simples interpretações, hypotheses indemonstraveis, productos de cogitações subtis, paradoxos altisonantes, que não passão de scintillações de relampagos na profundeza da noite das origens.

Seja bemvindo o novo luctador.

Para elle irradiam-se as nossas esperanças, e para nós convergem as suas energias.

E podemos exclamar como Robert Peel, no parlamento inglez, quando Palmerston defendia a politica ingleza na Europa :

« Todos aqui temos orgulho de ouvil-o ; elle nos ensoberbece e ennobrece a todos. »

Ao entendimento humano os problemas se apresentam incessantes e as soluções quasi sempre têm a mudez da impenetrabilidade,

O infinito, o eterno, o espaço sem limites, a formação da materia cosmica, plasmada de elementos irreductiveis, a força, os phenomenos da ordem psychica, que tem por substratum a textura nervosa, cujas modificações moleculares, realisando-se a cada momento em nós, escapão aos nossos sentidos e aos nossos meios de investigações ; tudo que, sem possibilidade de negação, não comprehendemos, syntheses transcendentaes, nos torna melancolicamente contemplativos e mysticos, subtrahindo-nos do explicavel, por uma especie de anabiose, e, sem o querer, arrojamo-nos ás regiões insondaveis da pura especulação, dominio incoercivel das incognitas e dos mysterios.

No campo fecundo das observações, a sciencia avança ; os factos se accumulão e se encadeião, sem *hiatus*, sem ruptura, sem solução de continuidade, na plena unidade logica das suas leis ; as acquisições experimentaes e theoreticas vem uma após outras ; as conquistas e descobertas se succedem com a multiplicidade rapida dos vivissimos cambiantes de um kaleidoscopio ; operão-se metamorphoses ; e por fim não ha mais do que amalgamas de induções, simples interpretações, hypotheses indemonstraveis, productos de cogitações subtis, paradoxos altisonantes, que não passão de sciatillações de relampagos na profundeza da noite das origens.

É a sciencia, na praia extranha do desconhecido, como a deusa grega, fica triste e abandonada.

É preciso comprehender claramente, diz Malebranche, que ha cousas absolutamente incomprehensíveis.

Mechanismo e fatalidade, transformação e movimento, asymptotas das curvas que descrevem as intelligencias, não bastão para explicar a natureza, como um phenomeno que se transforma sem cessar; para explicar a humanidade como um dos accidentes d'esta transformação; para explicar o individuo como um dos accidentes d'este accidente: e para explicar a alma como o producto complexo d'um numero incalculavel de phenomenos anteriores.

O mais é querer fazer como aquelles reis de Laménais, que ião buscar a treva para fazer o estenographo cego das suas opiniões.

A indestructibilidade da materia, a constatação das leis para as combinações organicas, a demonstração do principio da persistencia da força como dominadora suprema e sem rival, bases da concepção monistica da evolução, se conhecemos no seu dynamismo funcional, na sua estrutura intima nos são inteiramente desconhecidas e não passam de eternas interrogações no meio da mobilidade universal, impalpaveis definições de um puro nominalismo subjectivo.

A força absoluta, quer seja o principio immediato das cousas, sempre *un*, identico á si mesmo, invariavel em sua constituição propria como em sua acção fundamental, sem determinação e sem formula; quer seja materia, complexa e variavel em sua composição e effeito, resultante de acções multiplas, diversas, não definidas e desconhecidas em si mesmas, n'um estado confuso e diffuso, é e será sempre o velho fermento que não se digere, na phrase mephistophelica.

E os systemas philosophicos marchão para um ponto ideal, a que não attingem, sempre em lucta com o abstracto e o experimental, transformando-nos, como na

concepção de Pindaró, em sombra adormecida no seio das nuvens.

Ha em nós, e fóra de nós, alguma conza, que não parte do protoplasma amorpho ou d'uma molecula indivisivel, passando por uma serie homogenea de transformações indefinidas.

Somos obrigados, exscrutando as questões que se impõem á consciencia, a ser crentes de uma fé espiritua-lista e religiosa. A indagação do *porque*, longe das condições e das relações dos phenomenos, só nos é dada no terreno das crenças.

Não ha antagonismo entre a sciencia e a fé, ha, sim, distincção de duas series parallelas, que se podem desenvolver correlativamente uma após outra, sem nunca haver confundir.

Sciencia e fé são dados irreductiveis, e não tem com-mum medida.

A sciencia, como disse o chimico Dumas no elogio de Faraday, não mata a fé, e a fé mata ainda menos a sciencia.

Não podemos penetrar no interior do lar sagrado das consciencias, para explicar, em seu estado de nudez, *obscurum per obscurius*.

Do inverificavel não podem emergir soluções, que tenham a substancialidade das cousas concretas ; porque a ninguem é dado sorprehender os arcanos supremos da natureza, na gestação das materias primeiras, na acti-vidade intrinseca da sua força productiva.

Designar nominativamente as cousas, não é conhecê-las. Grupar factos, que tem a plasticidade das argil-las, em derredôr de uma congerie de hypothses enge-nhosamente construidas, não é certamente a sciencia, tal qual se deve concebê-la.

Conta uma legenda bretã, que a cidade de Is, devo-rada pelo mar, deixa vêr nos dias de tempestade a flecha de suas igrejas e nos dias de bonança o som de seus sinos, tocando os hymnos do dia. A fé é como a cidade de Is, devorada muito embora pelo mar tormentoso da

duvida, nas angustias cruciantes da vida, sempre aponta para o invisível da esperança eterna, e nas doçuras da paz íntima, canta sempre os hymnos do amor infinito, que é o idéal da inspiração inexgotável.

Nada ha realmente grande como a crença, que evita as quedas profundas, irremissiveis; que coordena e harmonisa as contradicções da existencia humana.

A nutrição das cellulas, os phenomenos chimicos, o grupamento das moleculas nos crystaes se effectuão sob a acção de forças desconhecidas, mysteriosas, que a sciencia só pela fé acceita a existencia, embora proclame, como um postulado, a virtude geratriz da materia.

A fé, que não tem necessidade do *a priori* metaphysico nem da conclusão da analyse experimental, affirmase por si mesma, como a luz divina que incide o crystal d'alma humana; é o holophoto collocado no mais alto fastigio da consciencia, que illumina o mar inteiro da existencia.

A' parte divergencias de criterio na apreciação das cousas, o « Instituto do Ceará » acaba de ter uma victoria.

Saudando o novo luctador, nada mais posso fazer do que apontar lhe a liça.

Seja bem vindo.

